

*Vida*

ANO I—N.º 12—7 DE AGOSTO DE 1941—PREÇO: 1 ESC.

7 AGO 1941



# MUNDIAL

*Ilustrada*

SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



MARIA DOMINGAS, um rosto portuguesíssimo e uma artista talentosa, na protagonista do novo filme do realizador Jorge Brum do Canto, «Lobos da Serra».

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844



# Cidades bombardeadas



PROSEGUINDO A SUA OFENSIVA SOBRE A ALEMANHA E OS TERRITÓRIOS OCUPADOS, a R. A. F. tem causado grandes prejuízos nos vários objectivos visados. Em cima, os efeitos dos bombardeamentos das docas de Roterdão fotografados de bordo dum avião inglês de reconhecimento que voa a 100 metros de altura. Em baixo, três «Blenheims», em vôo rasoante e em formação de «V», passam por sobre os campos dos aradores de Roterdão.



O KREMLIN, sede do governo de Estaline, o mais característico edificio de Moscovo, que tem sido atingido nos ataques da aviação alemã à capital soviética.

# VOZ DA CADADA GLORIA

## FORA DE PORTAS

**D**IZ-SE que os artistas do teatro Avenida vão reunir-se, em volta do empresário José Loureiro, para festejar, num almoço, o êxito da peça judaica *Israél*.  
O almoço realiza-se no Calças—de Jerusalém...

## MÉDICOS E DOENTES

**E**NCONTREI ontem o dr. António Horta e Costa, bacharel em Direito e em operetas. Vinha do médico.  
—O homem quer que eu deixe de fumar e de tomar café, imagine!  
—Então não há remédio senão fazer o sacrifício!  
—Pois não há, não. Tenho que mudar de médico... E olhe que é um autêntico sacrifício, que êste é uma excelente pessoa...

## CAMPO PEQUENO

**N**LIMA das últimas corridas nocturnas houve mosquitos por cordas. Até meteu polícia. Na mesma noite estreou-se no *Edén* uma fita mexicana sobre toiros, que não meteu polícia—mas, segundo dizem as más línguas, devia meter. No dia seguinte alguém encontrou o crítico tauromático *Zé Sincero*.  
—E verdade, o Zé? Foste ontem ao Campo Pequeno?  
Resposta pronta:  
—Ontem não fui à fitas do Campo Pequeno: fui à estoradas do *Edén*...

## O GRUPO DO LEÃO

**L**UIZ Teixeira evoca, numa curiosa «plaquette», algumas figuras e alguns episódios que se passaram no conhecido restaurante *Leão de Ouro*—que foi, durante largo tempo, uma espécie de Academia boémia e calistria. As páginas de Luiz Teixeira constituem simultaneamente uma aquarela—e uma água-forte.

Um episódio ao acaso: Um belo dia Ramalho Ortigão, vendo Beldeirão, o magro e elegantíssimo «Beldeirão», entrar no Restaurante, enfiado numa comprida sobrecasaca, abotoada com alguns vitros botões de madreperola, não se conteve que não perguntasse, apontando, o escritor:  
—Quem é êste clarinete?

## SUICÍDIOS

**S**ERA verdade—como há quem afirme—que o casamento é um suicídio em que a arma empregada é a mulher?

## COLECCIONADORES

**H**A colecionadores *enragés*. Perry Vidal, por exemplo. Este homem goêdo, risinho, cultíssimo, é, a êste respeito, um modelo do género, ou, com mais propriedade, do sexo. Não coleciona uma coisa, coleciona tudo. Vejamos: papéis timbrados, oficiais ou particulares, escritos ou não, com os respectivos sobrecréditos: ex-libris exteriores e de colar, em todos os géneros; autógrafos; selos de lacre, obreia, brancos e de carimbos matrizes dêstes selos, sinetes, etc.; retratos antigos em todos os géneros, podendo ser identificados; registo de santos, papéis, imagens, souvenirs-pieux; participações de nascimento, casamento, óbito e mudança de residência; minúsc...

(Continua no próximo número)

## UM HOMEM DE JUÍZO



Conta-se que o dr. Elísio de Moura—o conhecidíssimo especialista de doenças nervosas e mentais—entra, uma tarde, num chapeleiro para comprar um chapéu de côco. Quando o chapeleiro lhe a pagar numa fita métrica para tirar a habitual medida do comprimento, ouviu êste dizer-lhe, com a maior naturalidade do mundo:  
—Qualquer medida serve. E só para trazer na mão...

Uma simples frase retrata, às vezes, um homem com mais nitidez do que uma longa biografia psicológica. Quem encontrou o dr. Elísio de Moura, em plena rua, vê-o, na verdade, sempre de cabeleira ao vento—e de chapéu na mão. A alguém que lhe perguntava, certa vez, porque trazia sempre na mão um chapéu de côco desde que nasceu as utilitárias dêste, o ilustre médico respondeu, com o melhor sorriso do mundo:  
—É necessário, meu amigo, harmonizar a higiene com a burocracia...

Está retratado o homem. Mas: está definido o sábio. É precisamente aquilo. Ao mesmo tempo arguto e imaginativo, risinho e perspicaz, sabendo diagnosticar, como raras, os males dos homens e das sociedades, Elísio de Moura, com a sua cabeleira desgrenhada de poeta épico e a sua aparência excêntrica de boêmio rijo, não é apenas um velho ilustre: é uma autêntica figura histórica. Ainda quer que chegue, de côco em punho, a Lisboa ou ao Porto, a Viseu ou a Braga, logo o apontam a dedo:  
—Olha o Elísio de Moura! Lá vai êle...

Numa época em que o juízo nem sempre abunda, um homem, como êste, é um verdadeiro achado.

## CHICO REDONDO

**O** intendente da Opera Imperial de Berlim, quando viu, pela primeira vez, Chico Redondo—o grande cantor fidalgão—convenceu-se de que êle era um carneiro que vinha trazer a conta ao porteiro do teatro... Mas quando o ouviu cantar!

## POETAS

**H**OMEM, que está você para al há que tempos a divagar?  
—pregunto: alguém a certo poeta melancólico e distraído, vendo-o há longo tempo, aborço em fúnebres divagações.  
—Deixe-me até a divagar se vai ao longe...—respondeu o poeta.

## JOÃO DE DEUS

**O** conselheiro Basílio da Veiga—uma das pessoas que eu conheço que mais histórias sabe—contou-me, há dias, passada em Coimbra.

João de Deus, o grande poeta, andou inúmeros anos na Faculdade de Direito. Uma vez foi chamado ao célebre professor Ferrer, que era o terror dos alunos.

—Confesso que não estou preparado, senhor doutor, para o interrogatório de V. Ex.—exclamou João de Deus, levantando-se da carteira.

—Não está preparado? Então não estudou a lição de hoje?

—Não é bem isto, senhor doutor... E logo acrescentou:

—Eu queria dizer que nunca se está preparado para responder ao brilhantíssimo espirito e à sempre genial argumentação de V. Ex....

E sentou-se.

## REPROVAÇÕES

**O**S exames têm sido êste ano excessivamente mortíferos. Em matemática, então, uma razão. E, entretanto, quantos homens por êste modo atingiram a celebridade—sabendo apenas diminuir!

## CONFUSÃO DE NOMES

**C**ONTAVA Virginia Quaresma que o jornalista brasileiro Aust Chateaubriand recebera na revista *O Cruzeiro*, de que era director, uma carta assim sobrecritada: «E. X.º Senhor A Chateaubriand—Distinto autor do *Génio do Cristianismo*».

## OS GRILLOS

**J**OSÉ Lapa—infatigável homem dos jornais—dizia, uma vez, num grupo de amigos:

—Aposto que vocês não sabem o que é um grilo!

—Ora não sabemos! É um insecto saltador—responderam todos.

—Pois não é tal, pelo menos na opinião do Cruz Queiriga, que é redactor de *A Voz*...

Fêz-se um silêncio retumbante.

—Sim, porque na opinião do Queiriga um grilo não passa dum barto—com o curso do Conservatório!

## LEÃO XII

**E** Augusto de Castro quem no conto êste episódio: Um dia, numa audiência colectiva de perguntas, vindos de vários países, Leão XIII passou diante dum numeroso grupo que o prelado que o acompanhava designou como sendo professores duma universidade alemã.

—Os sábios de Heidelberg?—interrogou amavelmente Sua Santidade, deitando-se um instante.

—Somos apenas uma delegação, Santo Padre—respondeu um dos professores com energia.

Naturalmente, naturalmente—comentou o Pontífice, sorrindo.—Se tivessem vindo todos não cabiam no Vaticano...



O REI HAARON fotografado num cais do litoral inglês, durante uma recente visita que fez às unidades da sua esquadra que combatem agora, lado a lado, com a Armada britânica. Desta foto se pode dizer que tem o valor dum símbolo — o símbolo da resistência dum povo e dum rei que luta onde e como pode, aguardando o momento da reconquista da sua independência. A actividade do soberano dos noruegueses é notável. Mesmo longe do seu país, num exílio forçado, ele não abandona os seus soldados e os seus marinheiros, nem deixa de se interessar pela vida dos seus súbditos. Frequentemente, dirige-se-lhes pela rádio, incutindo-lhes coragem e falando-lhes numa linguagem serena e confiante. O rei Haakon é, deste modo, como acentuamos, o símbolo duma tenaz resistência.

O SIMBOLO  
da Resistência

Vida  
MUNDIAL  
Ilustrada

# Panorama Internacional

## Para novos tempos

por Francisco Veloso

**A**SSIM fomos chegando, a lentos passos, às horas culminantes desta guerra — concluiu há pouco um observador. E tudo, na verdade, e com bom fundamento nos conduz a dias não longínquos em que o fiel da balança propenderá a anunciar-nos nova fase dos acontecimentos.

Assim como a chegada em massa dos armamentos norte-americanos à Grã-Bretanha aumentou decisivamente as suas possibilidades militares, assim nas chancelarias uma actividade extraordinária acusa, com o recrudescimento febril de uma ofensiva diplomática anglo-americana, diante da agudeza do problema alemão, introduzir factores insuspeitados na situação internacional.

### A BATALHA DO DIA



VON KEITEL

A campanha alemã contra a Rússia vai recomeçar em terceira ofensiva, anunciou-se a 24. O *Lokal Anzeiger*, com outros colegas, advertia a opinião pública de que o avanço inequívoco das tropas atacantes é custoso. Informações de origem sueca previniam de que, se esta arremetida não der o resultado desejado para os fins políticos que orientam a invasão, o estado-maior do Reich poria a hipótese de quartéis de inverno. Cheios de asazada prudência contra os abalos que sucessos desta natureza causam sempre em povos beligerantes, tais avisos ajustam-se na verdade ao balanço que os críticos militares mais autorizados tiram das operações e à consideração que devem merecer um chefe da estatura de Von Keitel e a pertinaz defesa moscovita.

Em guerra ou na paz, o grande estado-maior alemão não é exclusivamente o mais perfeito entre os supremos organismos militares de todos os exércitos do mundo, mas também um poderosíssimo motor de condução política da Alemanha. Ele salvou, no tempo de Von Seekt, por erro fatal dos Aliados, a unidade alemã, depois da derrota de 1918 e contra todas as forças de desorganização, subversão e desordem que então a puseram em sério risco. Ele conduz agora tanto a parte de operações como a da política geral da guerra germânica. Nunca se tornou mais visível do que através da actual campanha, a cartada que ele jogou nesta luta de nações; e, se é certo que às visões e intuições iluminadas do *Führer* pertence o plano de organização da chamada Nova Ordem, dentro

das quais o projecto do dr. Funk funciona como chave central, o estado-maior só as executa e orienta depois de obtida a concordância de Hitler.

A Rússia sempre foi o mistério desconcertante da Europa.

A guerra motorizada e mecanizada apresenta a leste, na frente de batalha entre exércitos apetrechadíssimos, uma fisionomia e uma doutrina estratégica nova. Verifica-se hoje que o mistério russo continha um grande segredo militar. Conquanto deva deduzir-se a superioridade técnica alemã, esse segredo agora revelado, coloca o exército russo em condições que atestam um aperfeiçoamento e uma preparação surpreendentes nos movimentos com que está a vender caro ao adversário o terreno pátrio, sob o comando do general Meretskov, que defronta, ao norte, o general Falkenhorst, o vencedor do *raid* à Noruega; do marechal Shaposhnikov, sobrevivente do estado-maior czarista, que se opõe no centro a Von Reichenau; e do marechal Kulik que, no sul da Rússia, se bate contra o vencedor de Creta, Von List.

### A PAZ, ARMA DE GUERRA



HITLER

O mês de Agosto deve ser para as finalidades políticas da invasão da Rússia, e para a sequência da guerra, essencial e precioso. Em Setembro, as chuvas e as primeiras neves flagelam o leste europeu. O esforço alemão há de concentrar agora ao máximo o poder do seu impeto. Quando nos telegramas informativos do Reich, como o de 30 de Julho, se lê que Leninegrado, a segunda cidade da Rússia, está prestes a ser tomada, esta previsão, embora não decida a campanha, traduz com exactidão aquelas finalidades: — Abater a Rússia, empurrando-a para leste, de encontro às fronteiras siberianas, e procurar a sua inutilização política. Mas Hitler precisa de a ter subjugada para fazer, com a ambicionada eficiência, a sua principal ofensiva de paz que, entretanto, no interior dos países, mesmo dos seus inimigos, cautelosa e inteligentemente prepara. Os casos da Bolívia, da Argentina, do Uruguai e do México, não valem menos que os de França e da Espanha. É a ofensiva por corrosão ou corrupção interna.

Senhor da Moscóvia, onde para isso, se premeditaria instalar um governo pró-alemão, o Condutor do Terceiro Reich intimaria a Inglaterra a juntar-se à Nova Ordem, sob pena de ficar fora da Europa e subalternizada à finança e à economia norte-americanas, e, em qualquer caso, reuniria a conferência internacional na Alemanha na qual não é de estranhar comparecessem

representantes de todos os Estados ocupados e preocupados, como os definia há pouco certo comentário humorístico desta tragédia.

Mas se a Inglaterra se arrisca, ficando a ver quando a campanha alemã contra a Rússia acaba para depois agir, também é lícito perguntar se Hitler pode realizar o seu sonho imperial, a sua ambição de vencedor de países aterrados ou cúmplices, antes de terminar aquela campanha, isto é antes de, em conformidade ao bom conselho bismarquiano, aniquilar o inimigo leste — para não prejudicar a sua ofensiva diplomática a oeste — por isto mesmo mais melindrosa, pois a sua organização e efeitos, no domínio psicológico, reclamam um processo triunfante e um bom êxito totalmente prestigioso e pleno. E será ela só diplomática?...

Diante dum *Foreign Office* atônito, só a esperar donde veem os golpes do adversário, o jogo seria relativamente propício. Em frente dum *Foreign Office* que passou ao ataque (e, só neste, Anthony Eden ganhará, com altos serviços à Inglaterra, as suas esporas de ouro) a conclusão da campanha russa é indispensável porque sem ela, a Londres e a Washington nem sequer seria permitido considerar a sério aquela dijuntiva combinação germânica aliás audaciosa, de expelir a Grã-Bretanha das relações económicas da Europa.

As ofensivas de paz apenas podem surtir convenientemente depois de vitórias tão estrondosas como a da França, e quando as artes da propaganda do país que intenta levá-las a cabo adquirem apoios em correntes da opinião pública. Porque elas não são dirigidas nem operam directamente no país que alvejam, mas são por sua característica circunvolventes, e daí o seu perigo. É preciso, numa palavra, um facto de vitória consumada que impressione favoravelmente. Foi também este, na outra guerra, o cauteloso método de Guilherme II.

### POR ANTECIPAÇÃO



EDEN

Ora, o projecto hitleriano da conferência europeia devia realizar-se até ao fim do Outono. A campanha de leste tem portanto de apressar-se. Eden veio ao encontro dele no dia 29, em declarações proferidas na Associação da Imprensa Estrangeira em Londres, e denunciou-o: «Ele (Hitler) tenta desesperadamente cumprir a promessa que fez ao povo alemão de que a guerra terminaria este ano com uma paz a favor da Alemanha vitoriosa. Foi para conseguir este fim que Hitler se arriscou na campanha da Rússia. Procura dois objectivos na sua invasão do vasto

território russo. 1.º — esmagar rapidamente o poder militar da Rússia; 2.º — apresentar-se como campeão contra o comunismo para oferecer uma paz alemã ao Mundo. Isto não significa que ele tenha abandonado o segundo objectivo. Muito brevemente será iniciada outra ofensiva relâmpago contra nós, «ofensiva de paz», por meio da qual Hitler espera cumprir a sua promessa feita ao povo alemão».

Descontada nestas palavras a parte que nelas representa o natural calor do beligerante, a ofensiva de paz fica patente.

Qual a atitude inglesa? Eden não hesitou formulá-la em dois tópicos: — «nós não estamos dispostos a negociar com Hitler, seja em que altura for, e seja qual for o pretexto»; «não faz parte do nosso plano que a Alemanha derrua económicamente».

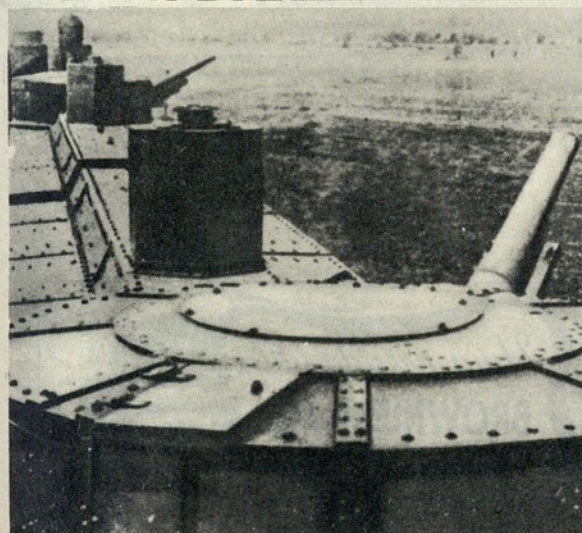
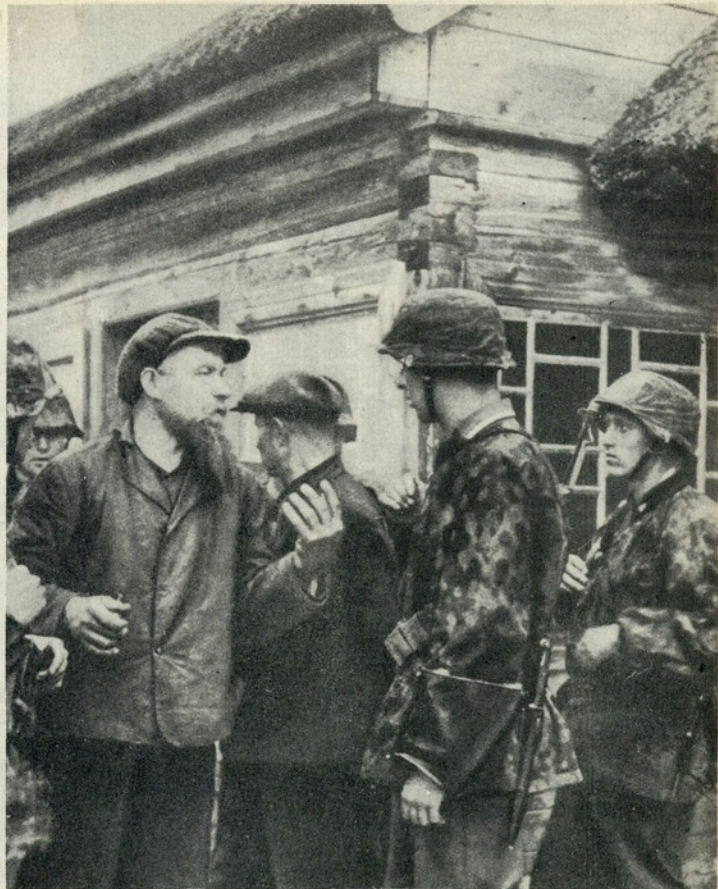
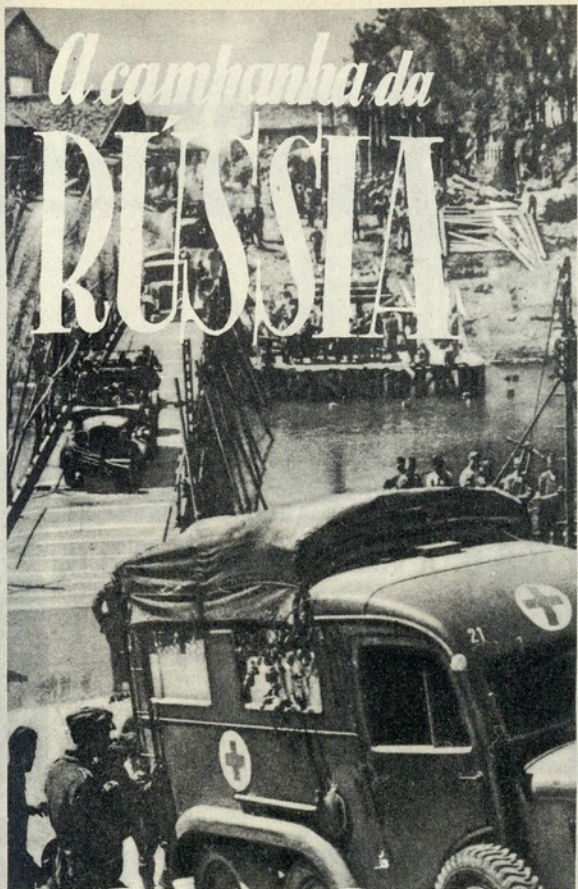
É, pouco mais ou menos, o ponto de vista apresentado há meses por Halifax ao ser recebido no claustro duma universidade norte-americana, no qual se distingue entre o nazismo e a Alemanha. A paz com Hitler? Nunca. Chamberlain ao romper da guerra disse o mesmo. O que equivale a pôr a pergunta, se, desaparecido Hitler, a paz com a Alemanha não seria possível e se restabelecer no diferendo desta guerra uma luta de ideologias sobre o fulcro central de processos totalitários e não totalitários ou não totalizantes. Essa distinção também não é nova na Inglaterra. Todo o tratado de Versalhes se baseou nela. Lloyd George foi o seu «leader» e campeão. Os resultados viram-se à luz do sol. E pagam-se hoje com juros.

A ofensiva de paz respondeu portanto antecipadamente uma contra-ofensiva de paz. Eden deu a saber que os países «ue acederem ao convite do *Führer* não contarão com a Inglaterra e com os Estados Unidos para nada».

E como esta intransigência necessariamente torna a descerrar ante os olhos do povo britânico as perspectivas duma guerra prolongada, Churchill foi aos Comuns no mesmo dia recomendar que, embora as condições da resistência e do ataque melhorassem, estavam agora os ingleses à porta da época favorável à invasão das ilhas. Sabe-se como é sempre preciso atentar bem no que o «velho Winston» diz. E ele foi bastante claro: «Seria loucura supôr que a Rússia ou os Estados Unidos vão ganhar a guerra por nós. A época propícia à invasão está à porta e todas as forças armadas receberam ordem para estar a postos. No principio de Setembro temos de contar com o desespero do jogador. Mantemo nos aqui como um campeão firme. Se fracassarmos tudo fracassará; se cairmos tudo cairá connôscos».

Eden e Churchill, tocando em instrumentos diferentes, afinam um pelo outro, ambos contando com a

(Continua na pág. 12)

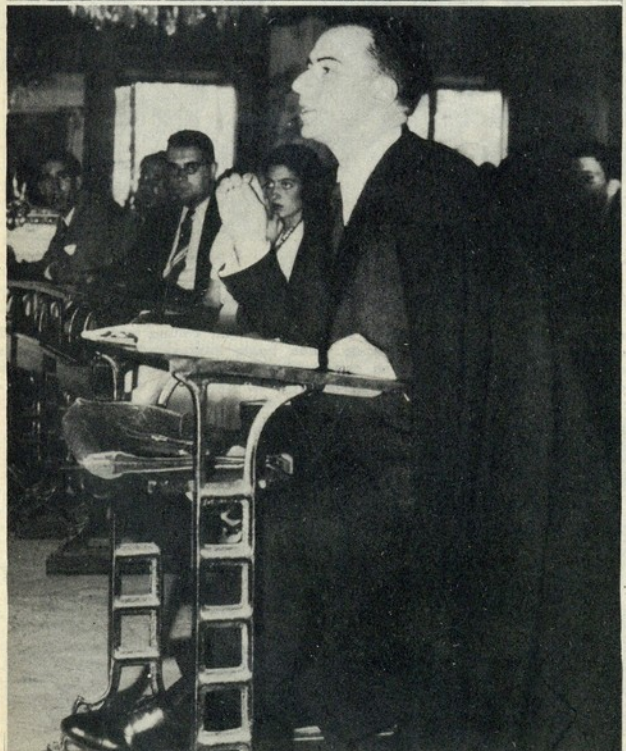


De cima para baixo e da direita para a esquerda: Uma coluna motorizada alemã atravessa um rio da Rússia, servindo-se duma ponte improvisada; um camponês letão conta aos soldados alemães os acontecimentos da dominação soviética; um sombório blindado soviético capturado pelas forças do Reich; um canhão anti-tank em acção; artilharia alemã passa por uma aldeia incendiada pelos russos.





O ILUSTRE PROFESSOR DR. FRANCISCO GENTIL fêz na Sociedade de Ciências Médicas o elogio do prof. Augusto Monjardino. Na mesma sessão daquela colectividade, foi prestada homenagem à memória do prof. Nicolau de Bettencourt.



NA FACULDADE DE DIREITO, prestou provas de exame de doutoramento em Ciências Económicas e Financetras o licenciado sr. António da Mota Veiga. Foi argüente o sr. prof. Rui Ulrich que se vê na foto, em cima, com outros catedráticos.



## B.B.C. A VOZ DE LONDRES B.B.C.

FALA  
E O MUNDO ACREDITA

Noticário em LINGUA PORTUGUESA

Hora de verba		Estações	Ondas curtas
13.15	Noticário	GR Z .....	13,86 m. (21,64 mc/s)
		GS O .....	19,76 m. (15,18 mc/s)
13.30	Actualidades	GR V .....	24,92 m. (12,04 mc/s)
22.00 (*)	Noticário	G S C .....	31,32 m. ( 9,58 mc/s)
		G S B .....	31,55 m. ( 9,51 mc/s)
22.15	Actualidades	G R T .....	41,96 m. ( 7,15 mc/s)

(\*) Este noticário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V

F. 657-67

Uma prenda útil!  
**BROWNIE Reflex**  
o novo modelo KODAK



De linhas elegantes, moderno, fácil de manejar, êste belo aparelho fotográfico é um presente útil que todos receberão com infinito agrado.

POR ESC. 175 \$

KODAK, LIMITED - 33, RUA GARRETT - LISBOA



o caso da semana

# Vai ser desenhada, dentro de pouco tempo a Quarta ofensiva de paz do chanceler alemão?

por Carlos Ferrão

**N**O dia 29 de Julho de 1941, encontrava-se reunida no Savoy Hotel, em Londres, uma companhia numerosa e luzida. Na presidência, uma figura respeitável da sociedade inglesa, Mr. Gottfried J. Keller. A sua volta numerosas personalidades de todos os meios sociais. Ao dar a notícia da reunião, o «Times», pondo em relevo o seu aspecto mundano, acentuava que se encontravam presentes várias celebridades do mundo político, diplomático, militar e jornalístico. Como pretexto, fôra anunciado um «lunch» que a Associação da Imprensa Estrangeira, cuja sede é na capital britânica, oferecia em honra dos seus convidados.

No meio da cerimónia que, ainda segundo o «Times», era tão brilhante que há muitos anos se não vira em Londres coisa semelhante, verificou-se a presença dum dos mais categorizados membros do gabinete. O sr. Anthony Eden, secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros foi, à sua entrada e no decorrer da festa, alvo de atenções muito significativas devidas à sua categoria social e à sua acção pessoal no departamento que dirige.

Inesperadamente, rodeado por uma curiosidade que se avolumava à medida que ia decorrendo, o sr. Eden levantou-se para falar. As suas primeiras palavras foram para aludir à campanha da Rússia e à sua evolução. O orador entendia que a guerra relâmpago falhara na frente oriental e que essa circunstância se destina a ter sérias repercussões na marcha dos acontecimentos. Era o inítrito para estabelecer o alicerce da sua declaração essencial.

«Nós ingleses, acrescentou o sr. Eden, devemos estar prevenidos para a paz relâmpago que, talvez dentro de pouco tempo, será desencadeada pe'o chanceler do Reich contra a nossa decisão e a nossa unidade. Hitler prometeu, ao seu povo, dar-lhe a vitória antes do fim deste ano. Como não está em condições de cumprir a sua promessa, prepara-se para nos oferecer uma paz de compromisso.»

E acrescentou, como resposta antecipada ao que acabava de anunciar:

«Em nome do governo de S. M. ainda há poucas semanas afirmei, num discurso que proferi em Leeds, que não negociaremos com Hitler em nenhuma ocasião nem sobre coisa alguma. Renovo agora, com a maior firmeza, essa declaração.»

O resto do discurso do sr. Eden no Savoy Hotel foi consumido para expor, pormenorizadamente, as razões do ponto de vista oficial da Grã-Bretanha. Nem negociação, nem conversação, nem entendimentos, nem compromisso.

Que informações ou notícias chegaram a Londres que permitam a suposição publicamente apresentada por um ministro de Sua Magestade? O sr. Eden declarou-se mesmo habilitado a expor algumas das condições em que se envolveria a tentativa de paz que anunciava: a libertação dos países ocupados, a restauração da França como grande potência, uma garantia formal da integridade do Império britânico. Para o resto, o restabelecimento de relações normais entre os povos da Europa sob a base duma ampla cooperação económica e do estabelecimento de regras jurídicas estáveis para o convívio internacional. A todos estes pormenores, caso viessem a verificar-se, o governo britânico oporia uma recusa formal.

## Um discurso no Reichstag

Até que ponto são justificadas os dizeres do sr. Eden? Está o mundo, efectivamente, em vésperas de assistir a uma ofensiva de paz que não deixaria de impressionar os povos cansados de assistir ao duelo que agrupa, em blocos opostos, as grandes potências e arrasta, no sulco destas, algumas das pequenas nações vítimas ou comparsas, como elas, do drama que começou a representa-se vai para dois anos?

Não seria a primeira vez que o Fuehrer apresentaria publicamente as suas condições para se restabelecer a ordem e a tranquilidade no nosso continente perturbado por tantas convulsões.

Em 6 de Outubro de 1939, terminada vitoriosamente



**OS REIS, AS RAINHAS E OS PRESIDENTES DOS PAISES ALIADOS** que residem agora em Londres e cujos governos tomaram o compromisso de prosseguir a guerra até à vitória final, fotografados no Buckingham Palace. Da esquerda para a direita: Rainha Maria da Iugoslávia, a sr. Benes, Rainha Guilhermina da Holanda, a sr. Rackiewicz, Rei Jorge VI, Rei Pedro da Iugoslávia, Rei Haakon da Noruega, Rainha Isabel da Inglaterra, Rackiewicz, Presidente da Polónia e Bénés, Presidente da República checoslovaca.

mente a campanha da Polónia, o chanceler falou no Reichstag para expor os resultados militares a que o seu país tinha chegado e para esmaltar essa exposição com uma declaração solene:

«Em toda a parte, cada homem de Estado responsável deseja a prosperidade do seu país. Esta aspiração geral só pode realizar-se no quadro duma colaboração efectiva. E preciso que as nações da Europa se reúnam para deliberar em conjunto e para elaborar, adoptar e garantir o estatuto que a todas dá a garantia da segurança, da tranquilidade e da paz. Essa conferência, que deve fixar para dezenas de anos o destino deste continente, não renúncia ao ruído dos canhões. Por isso preconizo a sua realização antes que os estragos da guerra criem, entre nós, uma situação irreparável.»

O chanceler acrescentou que a sua sugestão se dirigia especialmente à Grã-Bretanha para concluir: «Têm a palavra os povos e os dirigentes que partilham deste ponto de vista.»

A resposta britânica, dada pouco tempo depois, através dum discurso do Primeiro Ministro, Neville Chamberlain, significou o propósito em que a Grã-Bretanha se encontrava de prosseguir na luta até à vitória sem aceitar qualquer solução de compromisso.

As palavras do chanceler do Reich marcaram uma fase importante na evolução do conflito. A primeira ofensiva de paz malograra-se. O chanceler dissera: «Se a Grã-Bretanha não aceitar a mão que acabo de lhe estender, será esta a minha última declaração de paz.»

## Quando a França foi derrotada...

A segunda ofensiva de paz havia de verificar-se nove meses depois, rodeada pelo mesmo cenário que caracterizara e envolvera a primeira. No Reichstag, em 9 de Julho de 1940, o chanceler do Reich, convidado para tomar conhecimento do resultado vitorioso da campanha da França, declarou, de novo: «Depois da derrota da França, o sr. Churchill voltou a dizer que é sua intenção continuar a guerra. Por mim não vejo razão para que esta continue. Nesta hora sinto, em consciência, que me cabe a obrigação de dirigir, mais uma vez, um apêlo ao bom senso, especialmente pelo que diz respeito à Inglaterra. Julgo poder fazê-lo, com inteira liberdade. Não lanço um apêlo, como venido. Dirijo-me ao povo inglês como vencedor. Nada há que justifique a continuação da luta entre as nossas duas nações. O sr. Churchill pode desdenhar a minha proposta, considerando que ela é o fruto do meu receio ou da minha dívida sobre a vitória final. Terei, pelo menos, aliviado a minha cons-

ciência, na previsão dos terríveis acontecimentos que se preparam.»

A luta prosseguiu, com uma intensidade maior. Como a primeira, a segunda ofensiva de paz malograra-se.

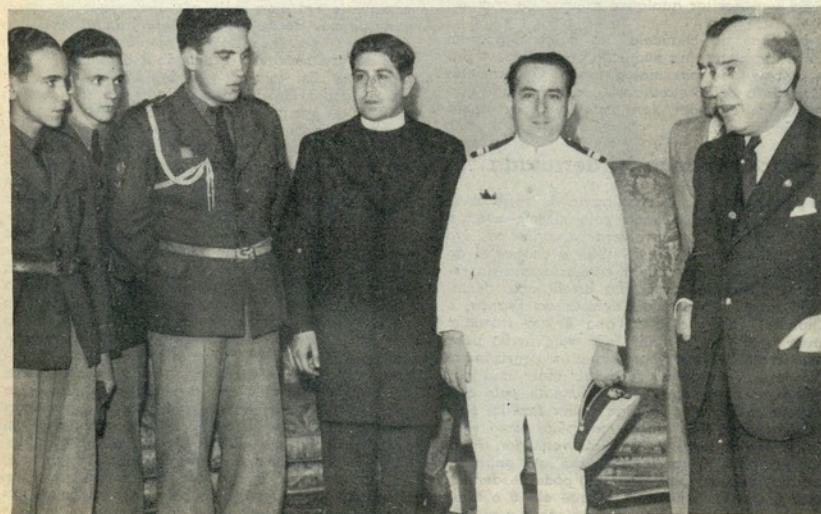
## A réplica do presidente Roosevelt

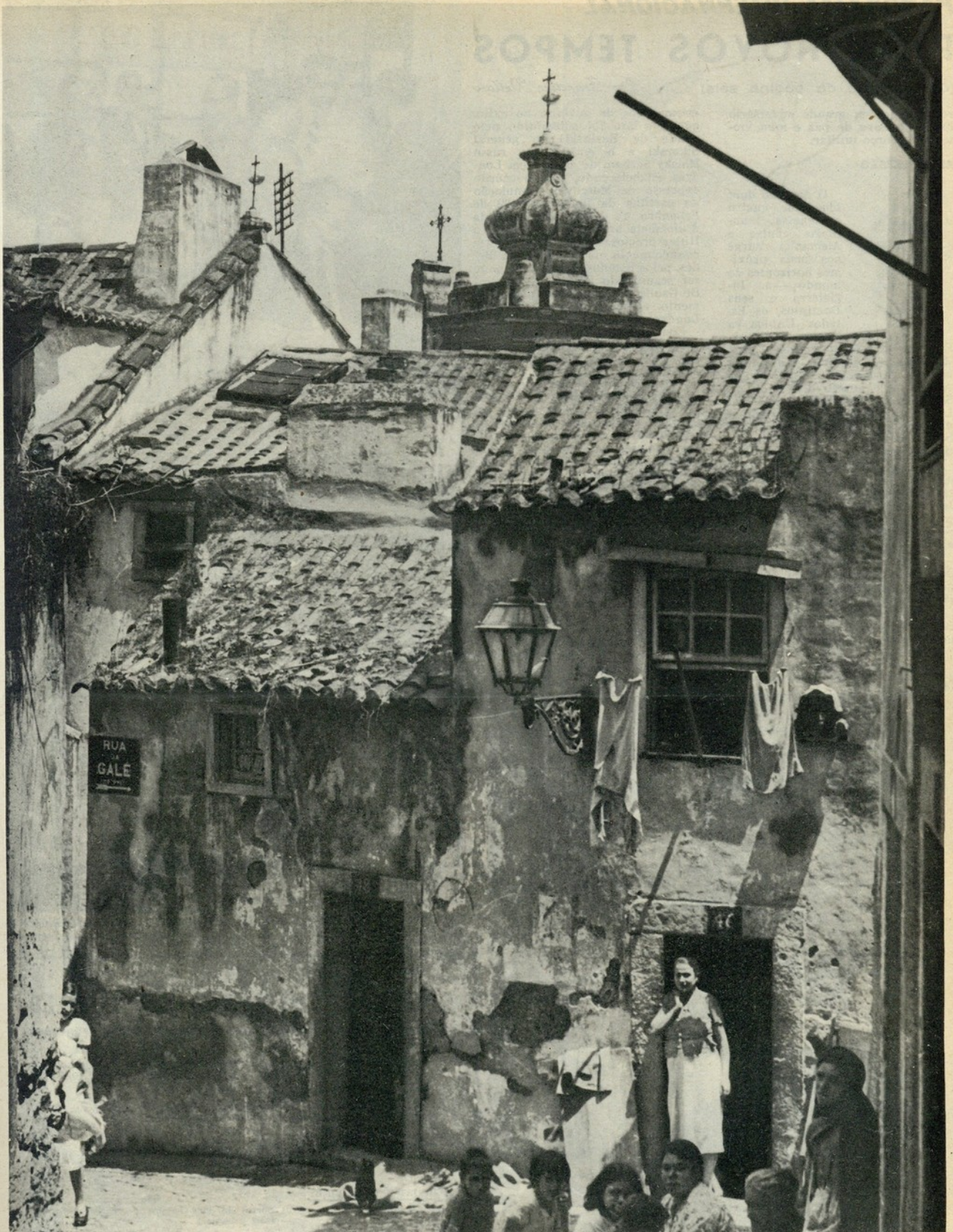
Uma revista norte-americana de grande expansão, «Life», resolveu incumbir um diplomata transitoriamente sem função, o antigo ministro John Cudahy, de visitar a Europa em «tourné» jornalístico. O ponto capital da missão de Cudahy era avistar-se com o Fuehrer. Em 23 de Maio de 1941, o encontro realizou-se na residência de Berchtesgaden. Além do entrevistador e do entrevistado, assistiam o célebre intérprete dr. Schmidt, e um oficial dos ordens, Walter Hervell. O Fuehrer aludiu às suas tentativas de 6 de Outubro de 1939 e de 19 de Julho de 1940 para acentuar que os seus propósitos se não tinham alterado nem com o tempo, nem com os acontecimentos. Entretanto decorrerá um ano. Os êxitos militares da força armada do Reich tinham tomado maior amplitude. O predomínio alemão no continente era uma realidade. Havia que organizar mais do que destruir. Para que continuar uma luta insensata e estéril? Na sua opinião as tarefas da paz deviam absorver a atenção e a actividade dos dirigentes. Em relação aos Estados Unidos, como em relação à Grã-Bretanha, havia que iniciar uma política de compreensão recíproca. «Não foi a Alemanha, declarou Hitler ao diplomata norte-americano, que começou esta guerra. Foram a Grã-Bretanha e a França. Desejamos estabelecer relações amigáveis com todos os povos, especialmente com os nossos vizinhos. A minha fórmula para assegurar sobre essa base o futuro do mundo é paz, prosperidade, felicidade. A Alemanha não está interessada em escravizar ou dominar qualquer outra nação.»

No próprio número em que publicava a entrevista do Fuehrer, a revista «Life» adicionava-lhe uma nota de redacção em que dizia: «Nesta entrevista os nossos leitores reconhecerão, com facilidade, o que ela realmente é: um episódio mais no desenvolvimento da estratégia política do Reich.» A imprensa norte-americana, secundada pelos jornais britânicos, respondeu com a afirmação reiterada de que era impossível entabular qualquer negociação com êxito. O presidente Roosevelt pronunciou um discurso declarando que a Alemanha visava a dominação universal e que encontraria, resolutamente, no seu caminho, a oposição dos Estados Unidos. O episódio ficou conhecido pela designação de terceira ofensiva da paz. É a quarta que, segundo o sr. Anthony Eden, agora se prepara?

# Acontecimentos da SEMANA

COM DESTINO À MADEIRA E AOS AÇORES, largou do Tejo, na semana passada, o navio-escola «Sagres», que leva a bordo os filiados da «Mocidade Portuguesa» que vão realizar o seu primeiro cruzeiro náutico às ilhas. Damos nesta página alguns aspectos da partida. À direita: os rapazes formados em frente dos Jerónimos; em baixo, os cumprimentos ao sr. ministro das Colónias; e o desfile; os cumprimentos ao sr. ministro da Educação Nacional; e a ida para a «Sagres» no rebocador da Polícia Marítima, após a missa.





# LISBOA VELHA

Vida  
MUNDIAL  
Ilustrada

UM TRECHO DA LISBOA antiga com todo o seu pitoresco — a esquina da rua da Galé, que tem visto passar séculos de vida, telhados que o Sol tem beijado em milhares de dias. (Cliché do distinto artista da fotografia e ilustre professor sr. Campos Coelho, cedida especialmente para «Vida Mundial Ilustrada».)

# PANORAMA INTERNACIONAL PARA NOVOS TEMPOS

(Continuação da página seis)

Por Francisco Velloso

recarga do seu grande adversário numa ofensiva de paz e num violento desfôrço militar.

## ALTA PRESSÃO



O desenho dum bloco de quatro «potências mundiais» contra a Alemanha surge nos mais próximos horizontes do mundo: — a Inglaterra e seus Domínios, os Estados Unidos, a

Rússia e a China. E entretanto o laço aperta-se. Chan-Kai-Chek faz isolar a Indo China onde a gloriosa bandeira tricolor se apagou e abateu diante da do Sol Nascente, ao mesmo tempo que Londres pretendeu obrigar o Sião a defenir-se, exigência a que recebeu resposta evasiva em bom estilo asiático.

Em volta do Japão, o estreitamento geral dum bloqueio de matérias-primas, sobretudo de petróleos, faz recrescer de furor a imprensa de Tóquio, o que muitas vezes não é indício de guerra mas de ajustes e contemporizações.

No Irão, o *Foreign Office* adverte da presença suspeita de alemães que reassorariam as chamas que já incendiaram o Iraque.

A opinião norte-americana acelerou-se a favor de Roosevelt diante do perigo de uma guerra contra o Japão.

O facto russo-polaco que, contra a opinião de Zaleski (ministro dos

estrangeiros do governo no exílio que por isso foi substituído pelo conde de Razinski), o general Sikorski e o embaixador russo Maisky acabam de assinar em Londres estabelecendo, com o acôrdo expresso de Moscovo, a anulação da partilha da Polónia de 22 de Setembro de 1939 (obra fina da diplomacia britânica que roubou a Hitler preciosa arma) a par do reconhecimento do governo de Benés, pelos Estados Unidos, que pode ser seguido do Comité do general De Gaulle — assinala que neste momento, embora ainda não à vista, Londres amuralha contra o Reich.

Com que conta a Inglaterra?

Por aqui, por além, em países ocupados, denunciavam-se sinais de perturbações no espirito popular. Os jornais publicaram, por exemplo, a notícia de fortes prevenções militares em Vichy por ocasião da reunião do Conselho de Ministros que ia aprovar o pacto da cedência de bases da Indochina ao Japão, e de rijas perseguições policiais aos partidários de De Gaulle.

Neste feixe de factos, nota-se sem esforço que, se a batalha do Nilo ainda não está travada, o *Foreign Office* cerrou os dentes e, com uma actividade que há anos não usava, prossegue na sua ofensiva terminante.

Já mal enxergamos aquela Inglaterra retardatária que, nos fins do ano passado, quasi fêz descreer da possibilidade de vencer. A dilacão e o desgaste da Campanha na Rússia, a atitude exclusiva do Japão rodeado de inimigos, o problema do ocidente, obrigam a Alemanha a um grande gesto.



UM ASPECTO DOS TRABALHOS DE APURAMENTO DO RECENSEAMENTO DA POPULAÇÃO, REFERENTE A 1940, no Instituto Nacional de Estatística.



O SR. CARDEAL PATRIARCA durante a cerimónia da entrega dos crucifixos aos novos missionários, efectuada, com grande luzimento, na Sé de Lisboa.

## GARLAND, LAIDLEY & C.º, LIMITED

Agentes gerais em Portugal das Companhias de Navegação:

### BLUE STAR LINE:

Carreiras regulares de paquetes rápidos para os portos da América do Sul, Austrália e Nova Zelândia. Passagens de 1.ª classe e carga de porão e frigorífico.

### BOOTH LINE:

Carreiras regulares entre Inglaterra, Lisboa e os portos do Norte do Brasil. Passagens de 1.ª e 3.ª classes e carga.

### CUNARD WHITE STAR LINE:

Carreiras entre Inglaterra e França e os portos da América do Norte. Os mais rápidos, maiores e mais luxuosos paquetes. Passagens de todas as classes e carga.

### LAMPSON & HOLT LINE:

Carreiras de Inglaterra para os portos da América do Sul. Passagens de 1.ª classe e carga.

### YEOWARD LINE:

Carreiras regulares entre Inglaterra, Lisboa, Ilhas Adjacentes e Canárias. Passagens de 1.ª classe e carga.

LISBOA: Travessa do Corpo Santo, 10-2.º  
Telefone 2 3311/3

PORTO: Rua Infante D. Henrique, 131  
Telefone 348/349

Ender. Electr. «GARLAND»

# A AMEAÇA JAPONESA No PACÍFICO

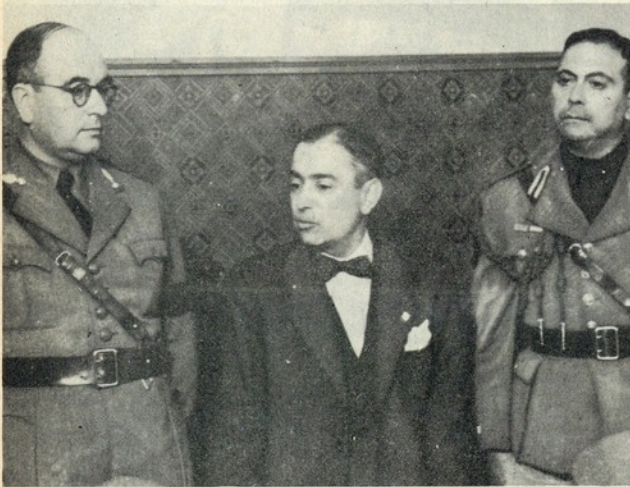


NO EXTREMO ORIENTE, a situação agrava-se dia a dia, a tensão aumenta. Vivem-se momentos de emoção. Entretanto, o Japão desembarca tropas nas bases recentemente cedidas pela Indochina e activa a guerra contra a China livre de Chang-Kai-Chek. No mar, a esquadra japonesa paira ao largo do litoral ocupado e vigia as passagens do Pacífico. Damos nesta página alguns aspectos da acção militar japonesa. Em cima: a entrada dum destacamento japonês numa cidade da provincia de Xékang. Em baixo, a característica comida japonesa servida aos soldados em campanha. À direita, de cima para baixo, três aspectos de manobras da esquadra: o homem do leme dum contra-torpedeiro; o artilheiro em posição de fogo; e o efeito do lançamento duma bomba de profundidade.

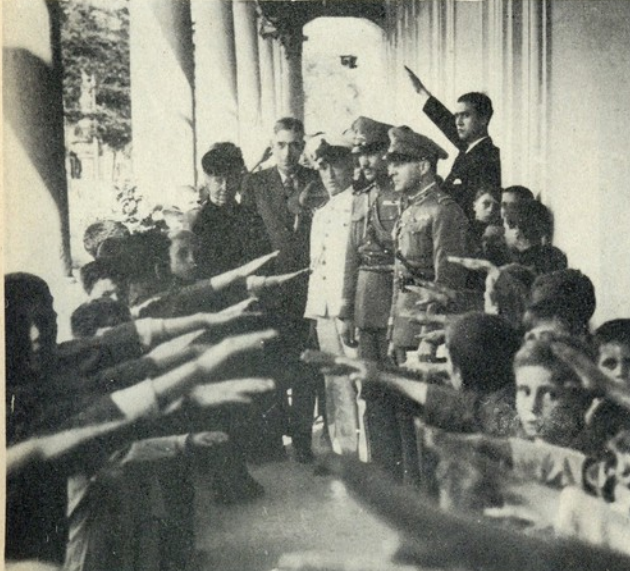




AS ALUNAS DO INTERNATO DO PORTO na sua festa do Paço de Cristal.



A POLICIA DE GALIA prestou homenagem aos srs. Presidentes da República e do Conselho e ao sr. engenheiro Abel Fiuza, presidente do Municipio local, que se vê na foto acompanhado dos officiaes daquela corporação.



INAUGUROU-SE A ÉPOCA NA COLÓNIA BALNEAR DE FÉRIAS DA FOZ DO DOURO, no Porto, que é administrada pela Comissão das Juntas de Freguesia.

(Fotos feitas com películas «Ferrania»)



## USE PETROLITE

...que é um petróleo natural dos poços da Pensylvania, preparado e perfumado para o seu uso, para conservar o seu cabelo e eliminar a caspa feia e repulsiva.

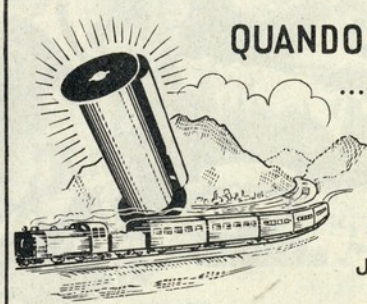
**PETROLITE** não é uma mistura alcoolica, mas sim o mais moderno de todos os tonicos do cabelo. Frascos a **6\$00, 11\$00, 20\$00 e 40\$00.**

Lave a sua cabeça com **PETROLITE** em pó. Caixas a **4\$00 e 7\$50.**

PETROLITE-HAIR TONIC  
COPYRIGHT BY FERBA 1941

Depositarío para o Império Português e Espanha: **FARMÁCIA INTERNACIONAL**, Rua do Ouro, 228 a 230 — Lisboa.

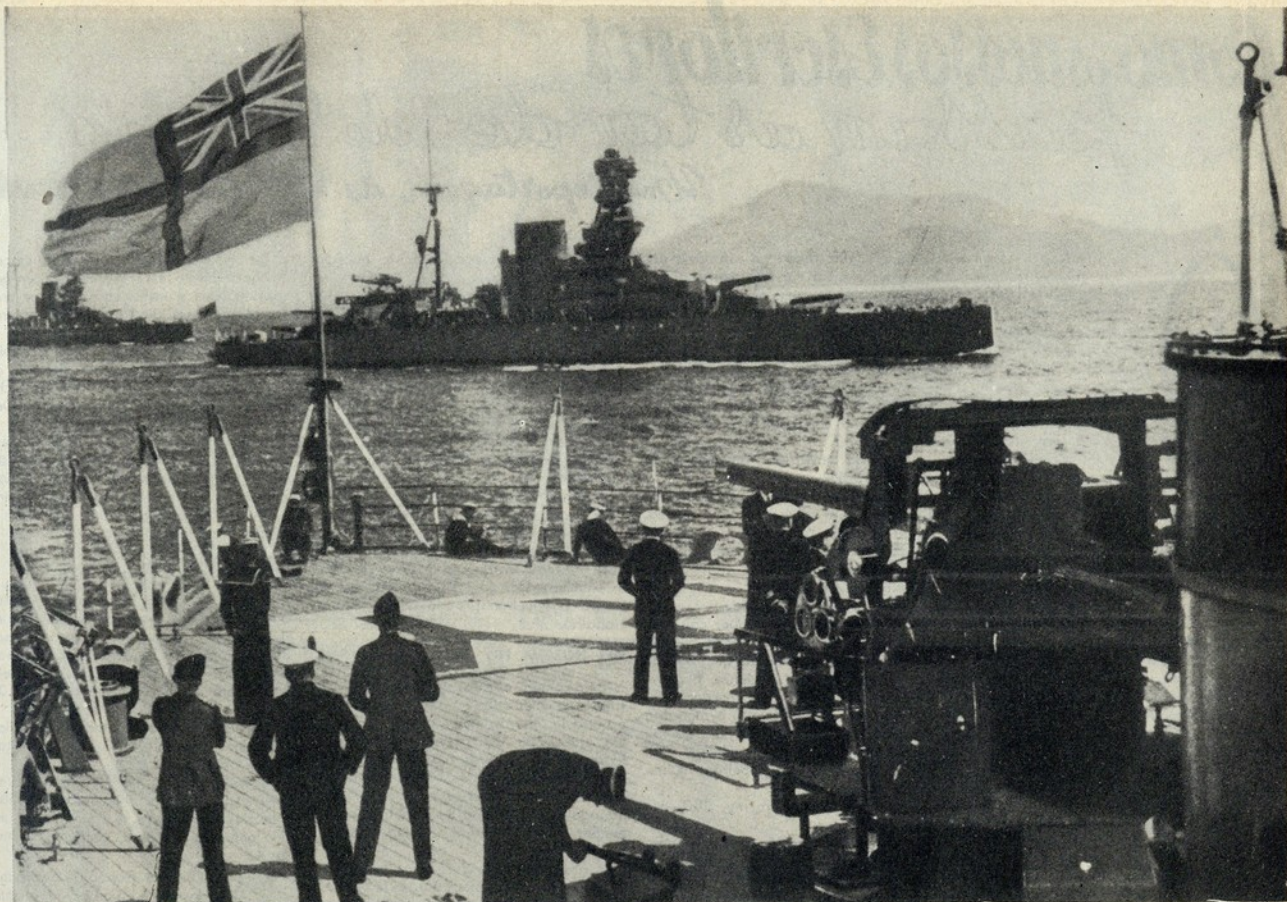
NOTA: No caso de não encontrar esta especialidade no seu fornecedor habitual, escreva-nos um simples postal e recebê-la-á sem mais despesas contra reembolso na volta do correio.



QUANDO FÔR PARA FÉRIAS...  
...faça fotografia

COM PELICULA  
**ferrania**  
PORQUE NUNCA FALHA

Representantes  
**J. C. ALVAREZ, L.ª**  
Tudo para Fotografia e Cinema  
205, Rua Augusta, 207 — LISBOA



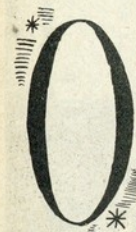
A POSIÇÃO ESTRATÉGICA DE SINGAPURA, SENTINELA DOS MARES DO EXTREMO ORIENTE, é importantíssima para a defesa do Império Britânico. Neste momento, Singapura tem ainda, mercê da situação especial criada no Pacífico, um interesse mais evidente. Por isso, a Inglaterra, a Índia e a Austrália têm enviado para ali reforços em tropas e em material. E os navios de guerra britânicos da grande esquadra do Ultramar fazem as suas manobras nas paragens de Singapura —terra cosmopolita, estranha, que bem se pode dizer ser europeia, asiática e americana. Na defesa das suas praças, há soldados dos três continentes.

# SINGAPURA

A esquerda e em baixo — Dois aspectos das manobras das tropas imperiais britânicas em Singapura: a guarda duma estrada; e um oficial indio discutindo um problema estratégico com soldados nativos durante um exercício militar de grande envergadura.



# Como os nossos Escritores passam as tardes de Verão... Uma reportagem de Gentil Marques



O calor está a apertar quando entramos de surpresa no Guimarães, a velha livraria sempre nova. A um canto, lobrigamos Ferreira de Castro, meio escondido e recostado numa cadeira qualquer. E, em sucessão de ideais, pensamos que nada existe como o calor para tornar os homens iguais. Ilustres ou desconhecidos, poderosos ou humildes, têm os mesmos gestos de à-vontade, os mesmos anseios de frescura, as mesmas tendências para a moleza. Sentamo-nos ao lado do autor da «Selvas».

Conversamos. Perto de nós o amigo Martins, senhor e soberano da «Guimarães», faz contas em papelinhos cheios de contas.

Por acaso ou sem acaso, a conversa recai sobre produção literária. Ferreira de Castro fala-nos mais uma vez dos tempos duros que passou, juntamente com Reinaldo Ferreira. Os dois escreviam, por dia, às dúzias de artigos ou de crónicas ou de contos.

— E mesmo assim viviam mal, não? Ferreira de Castro sorri com amargura.

— De-certo. Principalmente o Reinaldo que tinha família. Por isso, ele trabalhava mais do que eu.

Uma curta evocação. Os olhos ganham brilho. Há qualquer coisa de extraordinário, de bom, de puro, nesse brilho.

— O Reinaldo era formidável. Às vezes, chegava a qualquer parte e começava a tirar manuscritos dos bolsos. Parecia até que tinha sementeira d'elles...

Lembramo-nos da nossa missão. É necessário atirar a pergunta-base da reportagem. E atiramos mesmo:

— Como passa o Ferreira de Castro as tardes de verão?

Só nesse momento, é-lhe procura compreender porque estamos ali.

— Alguma reportagem?

E de-vagar, sem rodeios, confessamos que as suas tardes são passadas de maneira idêntica. Depois do almoço, dá uma saltada até à «Guimarães», gasta um pouco de prosa com os camaradas que aparecem por ali. De seguida, passa à Bertrand. Mais camaradas. Mais prosa gasta. Finalmente, aí por volta das cinco horas, retorna a casa, a-fim-de trabalhar em qualquer coisa.

— Então temos livros em preparação?

— Sim... Deve sair a minha «Volta ao Mundo»...

De perto, chego-nos aos ouvidos uma tossinha propositada. E, logo após, um apêndice de informação fornecido pelo amigo Martins.

— Isso e mais algumas reedições...

Continuamos a conversar. Aguardamos a chegada de mais alguém para o fotógrafo fazer um «boneco».

Afinal, quem aparece é o Assis Esperança. Alto, elegante, de monóculo impertinente, Assis Esperança traz consigo uma brisa de boa-disposição. Cumprimentos para aqui e para ali, sorrisos, ditos de espírito, que éle mesmo quando fala a sério dá às palavras um tom leve e gracioso que dispõe bem.

A nossa pergunta de como costuma passar as tardes de verão, o escritor de «Gente de Bem» faz um gesto largo de

«jongleur» reformado e informa-nos num sorriso, meio sorriso, meio careta. — A trabalhar, meu amigo, a trabalhar...

Insistimos: — Mas, enfim, há de ter alguns momentos de folga...

— Sim... A «Singer» deixa-me uns minutos de quando em quando... Passo-os aqui na «Guimarães»... Não se está mal...

— E como gostariam de passar as tardes de verão?

A resposta de Assis Esperança vem embulhada num sorriso bem simpático.

— Se pudesse, passaria todas as minhas tardes, estendido à sombra das árvores...

Ferreira de Castro sorri: — Sou da mesma opinião...

Não achamos nisso qualquer coisa de extraordinário. O leitor conhece a amizade profunda e consciente que liga os dois escritores? É bem evidente. Podem-se mesmo considerar dois inseparáveis.

O fotógrafo acerca-se com a máquina preparada. O amigo Martins pára de tocar ritmos esquisitos com o lápis e vem até nós, brandindo um papelinho salpicado de contas.

— Calelem... Faltam-me 350 escudos...

Aproveita-se a ocasião e tira-se uma fotografia, não antes que Ferreira de Castro, apercebendo-se do que se ia passar, accresse a pôr elegantemente o chapéu na cabeça...

Antes de sair, queremos saber as próximas novidades da «Guimarães». É o amigo Martins que nos informa. Assis Esperança tem quasi concluído um romance: «Ainda há luz nos montes». Manuel Ribeiro cuida de «Sarga ardente», um romance sobre o Alentejo.

## CAFÉ, CERVEJA E ÁGUA

Faltam cinco minutos para as três da tarde, no momento em que transpomos a porta da Brasileira do Chiado. Uma rápida olhadela indica-nos qualquer mesa que nos interesse. Esta, por exemplo, onde estão abançados Castro Soromenho e Manuel Anselmo.

— É aqui que passamos as tardes de verão?

— Eu — diz Soromenho — divido o meu tempo entre o café e a revista onde trabalho... De tarde, não escrevo para mim.

Manuel Anselmo prepara-se para registar a sua resposta. Duas vezes a tenta, mas sem resultado... Castro Soromenho está embalado. E descreve-nos a maneira como trabalha. De noite, pensa. De manhã, escreve. À tarde, repousa, na medida que lhe é possível. Manuel Anselmo faz outra investida e chega a pronunciar «Mas eu...». Contudo e de novo, Castro Soromenho volta à superfície.

— Agora, estou escrevendo um romance, a que dei o título de «Homens sem caminho» e preparo duas biografias, uma sobre Ferreira de Castro e outra, romanceada, acerca de Silva Pôrto. Então, Manuel Anselmo dá largas às palavras que tinha amontado.

— Hoje, é uma excepção eu estar aqui, a esta hora... As minhas tardes passo-as encafuado no Ministério dos Estrangeiros, onde trabalho. De manhã, sim, de manhã é que «vivo» na Brasileira. De noite, não saio. Prefiro ficar em casa a ensinar instrução primária à minha filha.

— Mas sem ser poeta, Manuel An-

selmo exprime-se poeticamente quando fala de sua filha...

A mesa, encontra-se cheia de cervejas e de cafés e de copos de água. Três características diferentes. A cerveja representa Manuel Anselmo. Vivacidade, entusiasmo, palavras largas, gestos grandes. O café pertence a Castro Soromenho. Melancolia, meditação, nervosismo. A água, é para nós. Tanto pode simbolizar o calor que nos aperta, como a calma indiscrição de jornalista.

Tagarelamos mais uns minutos. Manuel Anselmo diz-nos que actualmente tem quasi terminado um romance: «A noite é cúmplice». Depois, escreverá «Os últimos», o drama das crianças de hoje e, mais tarde, uma obra grande, «Conhecimento dos autores», que lhe levará possivelmente uns dez anos de trabalho.

## UM HOMEM NO MEIO DOS LIVROS

Pela porta aberta da Biblioteca da Imprensa Nacional deitamos uma espreitadela. Livros. Muitos livros. Estantes cheias de livros. Mesas cheias de livros. Entre os livros todos, um homem apenas: João Gaspar Simões. Deve ser um dos nossos escritores que, mesmo quando não trabalha literariamente, se encontra sempre, num ambiente de literatura.

À nossa primeira pergunta, à da praça, João Gaspar Simões sorriu-se...

— Passo as tardes de verão, aqui, nesta Biblioteca. Depois, quando saio vou pela «Portugália» e geralmente acabo por me sentar em qualquer das esplanadas da Avenida... As esplanadas são os melhores sítios de Lisboa, no verão.

— Mas como desejaria passar estas tardes?

— Na praia, naturalmente...

De seguida, a interrogação muda para as obras que prepara. Está escrevendo dois ensaios: «Prosa e romance contemporâneo» e «A poesia contemporânea». Enquanto fala, João Gaspar Simões parece medir as palavras que diz. Não se esquece que é crítico...

## UM GRUPO À PORTA DA «BERTRAND»

A conversa estava animada, com certeza. De longe, distinguimos um grupo espedado à porta da «Bertrand». Estavam ali Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro e António Sérgio.

— Todas as tardes por aqui, não?

Aquilino e Sérgio olham-nos surpresos, não percebendo bem qual o nosso objectivo. Ferreira de Castro, que já tinhamos encontrado na «Guimarães», diz-lhes, porém, qualquer coisa e três sorrisos aparecem no grupo.

António Sérgio reduz o sorriso a uma sombra pálida:

— Nem sempre... Apenas, quando tenho tempo. Desde que estou em Portugal, manhãs, tardes e noites sômente me servem para trabalhar.

Aquilino Ribeiro abre o sorriso:

— Sim, geralmente, passo por aqui. É um vício que tenho, o de vir «cheirar» o Chiado todas as tardes... Gosto da gente que passa. Dos encontros, do perfume das mulheres, da vida própria do Chiado...

Aquilino Ribeiro conversa com uma facilidade surpreendente. Não é cauteloso como Gaspar Simões, nem pensativo como António Sérgio, nem entusiasmado como Manuel Anselmo. Aquilino Ribeiro é Aquilino Ribeiro.

De livros novos, ficamos a saber que António Sérgio está escrevendo um ensaio: «Sobre a inteligência» e que prepara, para um dia, o segundo volume da sua «História de Portugal».

Por seu lado, Aquilino Ribeiro, publicará, de colaboração com Ferreira de Mira, uma biografia de Brito Camacho e tem, entre mãos, um romance «Dez réis de gente».

O grupinho separa-se, António Sérgio vai às suas lições. Aquilino arrasta Ferreira de Castro consigo e os dois descem a rua Garrett, sentindo os encontros, o perfume das mulheres, a vida própria do Chiado...

Chiado abaixo também, abalamos nós depois, em procura de mais algum depoimento curioso que possa interessar ao leitor. Súbito, lembramo-nos: Talvez uma visita à «Casa do Livro» não seja infrutífera de todo. E não é mesmo. De entrada, lobrigamos imediatamente o dr. Luiz Oliveira Guimarães e Alice Ogando a desarrumar as prateleiras cheias de livros.

O fotógrafo faz uma «foto» precisamente num desses momentos de «bisbilhote» e quando se acerca deles um dos gerentes da casa, o Pedro de Andrade.

Luiz de Oliveira Guimarães confessamos que passo as suas tardes sempre da mesma maneira: trabalha, escreve, conversa, passeia, lê e faz humorismo (isto não disse éle mas escrevemos nós). Contudo, há um dia no mês, em que vive umas tardes ideais, de «papo para o ar», segundo a sua própria expressão. É o dia 21, em que recebe o ordenado... E o humorista não deixa passar a ocasião:

— Percebe? Recebendo o ordenado a 21, até os meses me parecem mais pequenos...

Não sei se o leitor já reparou mas Luiz de Oliveira Guimarães é humorista, duzentos por cento. Mesmo quando está calado, os olhos, os gestos d'ele, fazem humorismo connosco...

Prepara uma peça para a Companhia Maria Matos.

— O título? — preguntamos nós, como é da praxe.

Éle sorri, deixa de sorrir e torna a sorrir:

— O título? É talvez melhor não dizer... É a «Ditadora»... Mas não, escreva isto, não?

Dizemos que não e escrevemos mesmo.

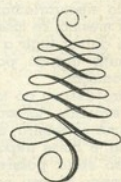
Alice Ogando tem um horário. As duas horas, sai de casa; às três está na «Guimarães»; às quatro passa pela Casa do Livro; às cinco vai beber um cházinho à «Marques» ou ao «Chiado»; depois pela tardinha parte em procura do jantar e à noite escreve até às quatro da madrugada.

Quando lhe preguntámos como gostaria de passar as tardes de verão, Alice Ogando ri um riso alegre, saltitante, engraçado:

— No Estoril, numa casa que fosse minha, comprada com os direitos de autor ou com a sorte grande.

De seguida Alice Ogando, gentil como sempre — e quando deixa éle de ser gentil? — diz-nos que concluiu um romance para a «Guimarães» que tem em preparação uma série de contos subordinada ao título geral de «Era uma vez» e que possivelmente fará ainda sair um livro de versos «Coração, brinquedo raro...»





EIS COMO PASSAM AS TARDES DE VERÃO ALGUNS DOS NOSSOS ESCRITORES. (De cima para baixo e da esquerda para a direita): À porta da «Bertrand» — Aquilino Ribeiro, António Sérgio e Ferreira de Castro. No Café «Chiado» — Manuel Anselmo e C. Soeiro. Na Imprensa Nacional — João Gaspar Simões, com Gentil Marques. Na «Casa do Livro» — Luiz Oliveira Guimarães e Alice Ogando, com o livreiro Pedro de Andrade. Na Livraria «Guimarães» — Assis Esperança e Ferreira de Castro, com o livreiro Martins.

# Ladrão que rouba a ladrão

conto inédito de Mário Domingues

O

arquimilionário John Smith festejava com grande pompa os anos de sua filha Daisy, que atingira nesse dia a maioridade. O rei das motocicletas não deixava os seus créditos por mãos alheias. Tudo o que havia de melhor na alta sociedade novaiorquina estivera no sumptuoso palácio da Centésima Avenida: escritores, poetas, magistrados, militares, políticos, homens da Finança e da Indústria — principalmente, muitos homens da Finança e da Indústria.

Smith mostrara-se radiante na grata tarefa de atender tantos convidados; sua esposa, que já ultrapassara os cinquenta e platinava o cabelo para dissimular as cans, julgando-se jovem, abusava um tanto dos «cocktails», e «miss» Daisy, a festejada, ostentando o seu novo colar de pérolas, cujo preço fabuloso se murmurava com respeito, abusava dos «foxs» nos braços de Jack Gold, filho de Gold, milionário como Smith, mostrando assim marcada predileção de herdeira de milhões por um herdeiro da sua categoria.

Pela madrugada, o ardor da festa principiava a esmorecer. Os salões foram-se esvaziando e, lá fora, no jardim que circundava o palácio, rocamavam os motores dos luxuosos carros dos ilustres convidados, que se retiravam, dizendo, como de costume, mal de quem generosamente os recebera.

O banqueiro Henry Brown fôra o último a ausentar-se. Parecia muito interessado em certa combinação financeira que John Smith lhe propunha. Durante mais de uma hora, o industrial das motocicletas e o malabarista dos dólares, conversavam de milhões, jogando-os desta para aquela transacção como «tenistas» arremessando bolas de borracha. Smith alinhava em série os seus valores industriais e, sem auxílio de papel nem lápis, somara em segundos cem milhões de dólares. Era uma quantia astronómica. Mas, nem por ser tão grande deixou de gravitar amplamente, como astro na imensidade, pela imaginação prodigiosa do banqueiro que, em cálculos relampejantes, os manejava, ali, no recanto da sala sussurrante de mil conversas fúteis, transformando-os num lucro de cem por cento. Duzentos milhões de dólares! A operação era tentadora.

O banqueiro Henry Brown acariciava, num movimento peculiar da sua mão fútsicante de jóias, a calva mal disfarçada sob uns cabelitos grizalhos alizados a jeito, e, após um breve instante de silêncio, inquiriu:

— E quando efectuaríamos o negócio?

— Amanhã mesmo, se fôsse possível. O caso urge, não devemos deixar fugir a oportunidade — pronunciou John Smith, traindo, por ligeiro tremor de voz, uma certa comoção.

O banqueiro desceu ao tapete os seus olhinhos de rato, muito espertos, tornou a afagar os escassos sobejos de uma cabeleira, que fôra anos antes todo o seu orgulho, e disse depois, sizado e grave:

— Tudo isso seria possível, meu caro Smith, se acaso os homens do seu partido não tivessem perdido estupidamente as eleições. Era um decreto de duas penas... Só com o apoio do Estado poderíamos tirar afoitamente do negócio todo o seu proveito. E o Estado está com os seus adversários...

John Smith ficou calado, a morder nervosamente os lábios. Passou, em redor, pelo deslumbramento do vasto salão iluminado, um olhar triste, e o ambiente da sua casa de milionário pareceu-lhe desolado. O «jazz» emudecera e os músicos tinham-se retirado por falta de pares dançantes, a mulher e a filha, fatigadas e tontas das bebidas, haviam desaparecido sem se despedirem, os móveis quedaram em desordem como despojos de batalha e a luz, a luz feérica, com sua inundação violenta, eliminando sombras e endurecendo contornos, pareceu-lhe indiscreta e hostil como imensa pupila severa que tentasse devassar-lhe a consciência.

O banqueiro Henry Brown, depois de o observar furtivamente, dissimulou um sorriso fugaz e despediu-se.

— O travesseiro é bom conselheiro — sentenciou

êle. — Durma sobre o caso e depois falaremos.

Era uma promessa vaga que, longe de confortar o rei das motocicletas, o tornára mais sombrio.

Depois de acompanhar o banqueiro até ao alto da escadaria de mármore, John Smith voltou atrás. De uma porta, espreitou ainda o enorme salão vazio e, como se o silêncio, a quietude e a vastidão da casa lhe causassem medo, voltou precipitadamente as costas, tomou por um corredor alcatifado que lhe devorava o som dos passos e foi aninhar-se no fundo de um «maple», no seu gabinete de trabalho, muito acolhedor e aconchegado, imerso numa penumbra discreta e bemfazeja.

Decorreram assim largos minutos. O palácio mergulhara em profundo silêncio. Lá fora, a cidade dormitava, sobressaltada, de longe em longe, por um «klaxon» mais impertinente. Seriam umas quatro e meia da madrugada.

De súbito, John Smith ergueu-se do «maple», num movimento brusco, vagueou pelo gabinete, a passo rápido, de um para outro lado, como se quisesse sacudir o torpor que o invadira e, por último, mais sereno, foi sentar-se à larga secretária de madeira preciosa, banhada por uma doce luz, que deixava em torno tudo mergulhado em meia sombra.

O milionário, depois de folhear alguns documentos, começou a alinhar, num quadrângulo de papel liso, como numa parada, números simétricos como fileiras de soldados. Esta tarefa alheava-o de certo do mundo exterior. Aquelas cifras inumeráveis, aqueles algarismos hirtos e perfilados, talvez animados de uma vida mágica, apossaram-se da alma do industrial, como um exercício dominante no país vencido. Na grande quietidão da madrugada, John Smith só vivia por êles e para êles.

Mas o sossego do gabinete foi quebrado, de choque, por um estalido seco. Smith ergueu a cabeça bruscamente e mal pôde reprimir um grito, ao ver, sombrio e terrível, na sua frente, um homem mascarado, de pistola apontada à sua frente.

— Nem um movimento, nem uma palavra — pro-

nunciou o intruso em voz baixa, mas imperiosa.

Com a respiração opressa, o industrial permaneceu quieto a fitar aqueles olhos que, através das órbitas sombrias da mascarilha negra, o fixavam magnéticamente, como as pupilas de um réptil.

— Levante-se e não tente reagir, para não transformar um ladrão num assassino — ordenou o desconhecido no mesmo tom dominador.

John Smith obedeceu, silencioso.

— O senhor fez muito mal em não se deitar a tempo e horas — disse o assaltante, quando o viu de pé. — Poupara-se um encontro desagradável e evitava-me maçadas. Tenho as chaves do cofre, tenho tudo e trabalharia mais à vontade, sem a sua presença. Mas, paciência... Já que tem que assistir ao meu trabalho, aconselho-o a permanecer quieto, sem me interromper. A propósito, traz armas consigo?

O industrial respondeu negativamente, com a cabeça. O desconhecido, porém, não o acreditando, palpou-lhe rapidamente os bolsos. Tranquilizado, meteu a pistola na tigebeira e, entrecabrindo o peitinho engomado da camisa (o gatuno envergava trajo de cerimónia como os honestos convidados da festa), principiou a desenrolar do tronco uma fina corda, muito resistente.

— Vou amarrá-lo e amordaçá-lo, para que o meu amigo não grite, nem espereie com algum ataque de nervos, estorvando a minha honesta missão...

— É escusado — disse o milionário, que, pouco a pouco, fôra recuperando a serenidade. — Não é preciso manietar-me. Não gritarei, nem esperearei. Juro-lhe pela vida de minha filha.

O mascarado parecia hesitar.

— Dou-lhe a minha palavra de que não o perturbarei — afirmou Smith, cheio de convicção.

— Pois, sim... Mal eu saia do gabinete, dará o alarme e a polícia deitar-me-á a mão...

— Garanto-lhe que não procederrei contra si — tornou o grande industrial. — Aliás, não terei fundamento para proceder, porque o seu trabalho será inútil.







AS MULHERES DÃO IMPORTANTE CONTRIBUIÇÃO PARA O ESFORÇO DE GUERRA DA GRÃ-BRETANHA. O número das que abandonam as suas casas e ocupações para se alistar nos serviços auxiliares é muito elevado. Todo o povo britânico se junta assim para a realização dos seus objectivos. E não deixa de ser expressiva esta foto que nos apresenta duas raparigas dos serviços da Armada treinando-se no manejo dos modernos canhões anti-aéreos.

# A MULHER inglesa na guerra

Vida MUNDIAL Ilustrada